

O SANITARISMO DURANTE A PRIMEIRA REPÚBLICA NO BRASIL

SANITATION DURING THE FIRST REPUBLIC IN BRAZIL

EL SANEAMIENTO BÁSICO DURANTE LA PRIMERA REPÚBLICA EN BRASIL

Clarissa Cobbe Miléo¹
Cícero Manoel Bezerra²
Mariana Bonat Trevisan³

Resumo

Durante a Primeira República ocorreram inúmeros debates sobre a busca de um caráter nacional brasileiro, já que, até então, sempre encontrávamos inspiração nas culturas e modos europeus, principalmente português, inglês e francês. Não tínhamos heróis, uma padroeira própria, nem mesmo um símbolo que fosse exclusivo. Algumas temáticas ganhavam destaque, como por exemplo, moda, tecnologia, descobertas científicas e as questões relacionadas à raça e saúde. Esta última temática será o foco da presente pesquisa: raça e saúde na formação do povo brasileiro na Primeira República Brasileira. Muitos médicos e intelectuais neste período, atuaram na busca pelo “brasileiro perfeito”, unindo higiene e educação. Trabalhando em serviços de profilaxia em regiões pouco assistidas pela saúde pública, atuaram pelos sertões Brasil afora. Rio de Janeiro, Paraná e Pará foram alguns desses lugares. No interior do Brasil, até mesmo nas capitais, era comum encontrar pessoas sem o menor conhecimento de higiene, andando descalços, sem espaço para banheiros e latrinas, se alimentando de maneira irregular, dentre outros problemas, causados pela pobreza e pela falta de instrução. Para que se conseguisse remediar estes problemas, nossos médicos e cientistas, ironicamente, tiveram que aprofundar seus estudos em outros países. Para acabar com esta contradição, finalmente surgiu o Instituto de Manguinhos, no Rio de Janeiro, hoje conhecido por Fiocruz. Nele, passou a ser possível formar, aqui no Brasil, os médicos que iriam ajudar na “cruzada” pela saúde do brasileiro. O objetivo do presente trabalho será o de apontar algumas especificidades da saúde deste período, bem como demonstrar algumas táticas utilizadas pelos homens da ciência para “resolver” os problemas que atrasavam o Brasil.

Palavras-chave: Primeira República; sanitarismo; história da saúde.

Abstract

During the First Republic, there were numerous discussions regarding the search for a Brazilian national character, as up until that point, we had consistently drawn inspiration from European cultures and ways of life, particularly those of Portugal, England, and France. Brazil lacked both heroes and a patron saint of its own, as well as an exclusive symbol. Notable themes included fashion, technology, scientific discoveries, and matters pertaining to race and health. This research will focus on the intertwined themes of race and health in the formation of the Brazilian people during the First Brazilian Republic. During this period, numerous medical professionals and intellectuals engaged in the pursuit of the “ideal Brazilian”, striving to integrate hygiene and education. They provided prophylaxis services in regions that were poorly served by public health, working in the remote areas of Brazil. Such locations included Rio de Janeiro, Paraná, and Pará. In the interior of Brazil, even in the capitals, it was not uncommon to encounter individuals who demonstrated a profound lack of knowledge regarding basic hygiene practices. These individuals often walked barefoot, lacked access to proper sanitation facilities, and exhibited irregular eating patterns. These issues were often exacerbated by the pervasive poverty and lack of educational opportunities that characterized the region. To address these issues, our medical professionals and researchers were compelled to pursue further studies abroad. To resolve this contradiction, the Manguinhos Institute in Rio de Janeiro, now known as Fiocruz, was finally established. It became possible to train doctors in Brazil who would contribute to the “crusade” for the health of Brazilians. This paper will identify and analyze the

¹ Licenciada em História pelo Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: clarissamileo@gmail.com

² Doutor em Teologia. Coordenador de cursos da área de Humanidades do Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: cicero.b@uninter.com

³ Doutora em História. Docente dos cursos de História da área de Línguas e Sociedade do Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: mariana.t@uninter.com

specific features of health in this period and demonstrate the tactics used by men of science to address the problems that were holding Brazil back.

Keywords: first republic; sanitation; health history.

Resumen

Durante la Primera República ocurrieron innúmeras discusiones acerca de la búsqueda de un carácter nacional brasileño, una vez que, en aquel entonces, la inspiración se encontraba siempre en las culturas y modos europeos, principalmente portugués, inglés y francés. No había héroes, una patrona propia, tampoco un símbolo que fuera exclusivo. Algunas temáticas ganaban destaque, como, por ejemplo, la moda, la tecnología, los descubrimientos científicos y las cuestiones relacionadas con la raza y salud. Esa última temática será el enfoque de la presente investigación: raza y salud en la formación del pueblo brasileño en la Primera República Brasileña. Muchos médicos e intelectuales, en ese periodo, actuaron en la búsqueda por el “brasileño perfecto”, uniendo higiene y educación. Trabajando en servicios de profilaxis en regiones poco asistidas por la salud pública, actuaron por dichos espacios en todo Brasil. Rio de Janeiro, Paraná y Pará fueron algunos de esos sitios. En el interior de Brasil, hasta mismo en las capitales, era común encontrar personas sin conocimiento de higiene, caminando descalzas, sin espacio para baños y letrina, alimentándose de modo irregular, entre otros problemas, provocados por la pobreza y falta de instrucción. Para que fuera posible lograr una solución a dichos problemas, los médicos y científicos, irónicamente, tuvieron que profundizar sus estudios en otros países. Para finalizar con esa contradicción, finalmente surgió el Instituto de Manguinhos, en Rio de Janeiro, hoy conocido por Fiocruz. Con él, fue posible crear, aquí en Brasil, médicos que iban a ayudar en la “cruzada” por la salud del brasileño. El objetivo del presente trabajo será el de apuntar algunas especificidades de la salud de ese periodo, asimismo, demostrar algunas estrategias utilizadas por los hombres de la ciencia para “resolver” los problemas que retrasaban el Brasil.

Palabras clave: Primera República; saneamiento básico; historia de la salud.

1 Introdução

No Brasil, entre o final do século XIX e o início do século XX, inúmeras transformações ocorreram em diferentes setores da sociedade e a medicina, baseada em novos paradigmas bacteriológicos e na moderna prática experimental, começava a dar passos importantes dentro deste novo cenário de transformações. As novas teorias científicas produzidas na Europa e nos Estados Unidos circulavam rapidamente e chegavam às mãos dos médicos em todo o mundo ocidental, inclusive no Brasil. Nesse contexto, surgiam centros de pesquisa de doenças em várias cidades brasileiras, notadamente no Rio de Janeiro e em São Paulo e o número de faculdades de medicina, bem como a publicação de revistas médicas especializadas, também apresentou uma forte expansão.

Após a Proclamação da República, os intelectuais da época buscaram a viabilização de um projeto nacional que enquadrasse o Brasil no hall dos países desenvolvidos e progressistas. Deve-se ressaltar que o conceito de progresso vigente na época baseava-se em uma visão teleológica e englobava toda a humanidade em uma escala de constante aprimoramento em direção ao homem ideal. Devido à influência de militares na administração da recente República, o positivismo se fez presente dentro deste discurso. “Ordem e Progresso” que já era anunciado na nova bandeira, seriam os nortes que guiariam o Brasil. Para os positivistas, os

brasileiros deveriam ser “enquadrados” em um novo modelo, em que os vícios e a preguiça deveriam ser varridos da sociedade, para se chegar à uma nação vitoriosa.

O presente artigo analisa o desabrochar do sanitarismo no Brasil, durante a Primeira República, que foi embalado por este clima de renovação. Os objetivos são: apontar o sanitarismo como importante fator definidor das práticas e representações sobre a possibilidade de regeneração da sociedade brasileira, além de observar como ocorreu este processo. Dessa forma, é importante para este artigo, se debruçar sobre o contexto inicial da República brasileira, momento em que circularam no país diversas ideias e teorias baseadas na eugenia e sanitarismo. Elas seduziram diversos intelectuais de diversos campos e os médicos não ficaram imunes a ela.

2 Metodologia

No presente texto foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental, na qual foram observadas obras literárias do período, onde pode-se encontrar material original produzido pelos pesquisadores (médicos) da Primeira República, bem como obras de autores mais recentes que já pesquisaram o tema.

Como fontes principais foram utilizados os livros escritos pelo médico Heráclides César de Souza Araújo, “A Prophylaxia Rural no Estado do Pará” (1922) e a “Prophylaxia Rural no Paraná” (1919), em que podemos encontrar o pensamento médico-científico em voga na época, bem como a realidade do povo brasileiro que, segundo ele, deveria ser transformada para que o Brasil se desenvolvesse. Ambos foram escritos no início do século XX.

Muito material foi produzido durante a Primeira República, dado pelo grande interesse de tornar a população brasileira, uma raça “pura” e saudável, os médicos do período produziram muitos artigos em revistas científicas e livros, para difundir este ideal. O médico Heráclides não foi diferente. Revistas científicas e informativos movimentavam todos os meses o campo da ciência no Brasil, que começava a dar os primeiros passos. Pesquisadores, médicos e intelectuais que chegavam da Europa, traziam o que havia de novo neste campo. Outros inauguravam instituições científicas que beneficiam, até os dias atuais, a medicina brasileira. Oswaldo Cruz, Belisário Pena, Adolpho Lutz, Heráclides César de Souza Araújo, dentre outros, foram os responsáveis por essa transformação.

É possível encontrar este material disponível para a pesquisa na Biblioteca Pública do Paraná, no Arquivo da Casa de Oswaldo Cruz, além de alguns artigos disponíveis na internet. Nas últimas décadas, no Brasil, esta temática também despertou o interesse de

vários pesquisadores das ciências humanas, aqui destaco o papel de vários historiadores. Cada vez mais é possível encontrar livros e artigos científicos com essa temática. Conceitualmente, essa temática surgiu com a Escola de Annales nos anos de 1950, que acabou revolucionando a pesquisa histórica. Novos temas, antes deixados de lado pela pesquisa dos grandes temas, começaram a aparecer, principalmente ligados às temáticas dos excluídos.

O material pesquisado por mim, está presente em jornais da época, base de dados da Biblioteca Pública do Paraná e Arquivo da Fiocruz, bem como acervo pessoal com alguns livros. E, a partir da leitura e interpretação do material, pude desenvolver a análise do presente texto que segue.

3 Revisão bibliográfica/Estado da arte

3.1 Contextualizando o sanitarismo na primeira república

Ordem e progresso, conceitos fundamentais durante a Primeira República brasileira, não se coadunavam com a constante presença de epidemias nas cidades de médio e grande porte e com a presença de endemias diversas em inúmeros rincões do país. Assim, o sanitarismo, enquanto um campo da medicina que se desenvolvia intensamente no Brasil, trazia, para além das novidades da pesquisa laboratorial, uma ideologia na qual era necessário um forte poder de intervenção do Estado sobre o conjunto da população doente.

Nesse período as capitais brasileiras fervilhavam com as novidades e transformações que surgiam no dia a dia. Moda, tecnologia, cinema, ciência eram alguns campos dessas novidades e na medicina não foi diferente. Médicos recém-formados, alguns vindos da Europa, quiseram colocar em prática seus conhecimentos para transformar o Brasil.

Após a Proclamação da República, os intelectuais (principalmente médicos) da época buscaram a viabilização de um projeto nacional que enquadrasse o Brasil no hall dos países desenvolvidos e progressistas. Deve-se ressaltar que o conceito de progresso vigente na época baseava-se em uma visão teleológica e englobava toda a humanidade em uma escala de constante aprimoramento em direção ao homem ideal, produtivo.

Grande parte da população brasileira neste período, tinha pouca noção de higiene, ou nenhuma, esgotos à céu aberto, não tinham o costume de lavar as mãos e, principalmente, viviam para cima e para baixo descalços. Isso não era algo exclusivo aos sertões do Brasil. Nas grandes cidades existiram os famosos cortiços, que começaram a surgir após o movimento de êxodo rural, após a abolição e Proclamação da República. Nestes locais, vários problemas de

higiene também apareceram: cômodos compartilhados, banheiros sujos e de uso coletivo, dentre outros. Eles foram os primeiros alvos dos médicos sanitaristas nas grandes cidades, e no Rio de Janeiro, além disso, no ano de 1904, uma lei obrigando a vacinação contra a varíola, desencadeou uma onda de conflitos que ficou conhecida como Revolta da Vacina.

Também associada às recentes descobertas que embasavam a teoria microbiológica das doenças, a prática da medicina experimental no Brasil começou a fornecer uma pauta de pesquisas direcionada aos problemas de saúde que afligiam o país. Dessa forma, a bacteriologia seria responsável por fornecer argumentos para tratar o brasileiro ao invés de condená-lo pela “raça” (Benchimol, 1999).

A noção de sanitarismo, está profundamente ligada a ações higiênicas e, consiste na “implementação de grandes planos de atuação nos espaços públicos e privados da nação” por parte dos médicos, buscando inserir a higiene nos hábitos da população e na reformulação de ambiente (Schwarcz, 2007, p. 150). Entretanto, para que os médicos conseguissem obter êxito neste trabalho, era necessário que eles fossem até os lugares mais distantes da nação, o que possibilitou uma série de livros e relatos destas viagens, que demonstram o modo de vida do brasileiro desta época, que era considerado por eles atrasado.

O sanitarismo parecia apontar para a possibilidade de regeneração física e moral dos indivíduos, ou seja, os “novos” médicos sanitaristas passaram a ter o papel de fiscalizar e intervir sobre as condições de vida da população e levar a civilização e a modernidade àqueles que não tinham acesso à informação sobre as fontes de seus males. Temas variados passaram a tornar-se comuns dentro das discussões nas sociedades médicas: nação, identidade nacional, raça e sexualidade, por exemplo.

Na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que se tornou vanguarda das novidades científicas naquele momento, começaram a se destacar nomes como Oswaldo Cruz (1872-1917) médico precursor no campo da medicina experimental brasileira. A fundação do Instituto de Soroterapia de Manguinhos, em 1901, aos moldes do Instituto Pasteur (importante laboratório francês), posteriormente recebeu o seu nome (Britto, 2006). A grande maioria dos médicos formados neste período, que se interessavam pela pesquisa, passaram por este instituto e partiram para o campo sanitarista.

O Brasil seguia por inúmeras transformações: as capitais eram remodeladas, seguindo os padrões europeus, sobretudo o francês, com ruas amplas, bares e cafés modernos, buscando expressar a civilização que chegava às cidades brasileiras. A indústria e o comércio ganhavam impulso e ondas de imigração, sobretudo europeia, modificavam o padrão demográfico do país

(Lima, 1999). Alguns sanitaristas estavam envolvidos neste movimento, pois ajudaria na melhoria do ambiente, dos lares, até mesmo na melhoria genética do brasileiro.

3.2 Mudanças

No início do século XX, o Brasil contava com um imenso contingente de imigrantes que atingia as cidades em busca de emprego, vale destacar que as diferentes etnias também passaram a miscigenar com a população brasileira. A intelectualidade olhou ora com entusiasmo ora com desânimo para as especificidades do quadro populacional do país.

Para alguns, a miscigenação era bem-vista e bem-vinda, pois o branqueamento era a saída encontrada para a regeneração da “raça” e conseqüentemente a consolidação da chegada da modernidade no Brasil. Os antigos habitantes, muitas vezes taxado como preguiçoso, agora poderia passar a produzir e ajudar na transformação brasileira.

O clássico da literatura brasileira, *Macunaíma*, escrito por Mario de Andrade, em 1928, retrata a imagem do habitante brasileiro do interior, bem como era o Brasil no início do século XX. O autor mostra a personagem como um homem da floresta, indolente e preguiçoso que vai para a cidade. Lá vê a modernidade recém-chegada ao Brasil. Era esse tipo de brasileiro que os sanitaristas queriam combater, pois se sabia que a personagem era “preguiçoso e indolente” por causa das endemias que acometiam os homens do interior, bem como a falta de instrução.

Por sua vez, os moradores do interior do Brasil seguiam sendo considerados por muitos como atrasados em termos de desenvolvimento social e possuíam métodos rústicos de trabalho e sobrevivência e, em sua grande maioria, desconheciam as novas formas de higiene propostas pelos sanitaristas. Outro exemplo clássico é o *Jeca Tatu*, personagem presente nos textos de Monteiro Lobato, que era exemplo do estado de penúria e abandono que se encontrava a população, situação típica dos sertões brasileiros (Stancik, 2005).

Vários debates começaram a pulsar nas associações e sociedades médicas criadas nas capitais, debates especialmente voltados para a procura dos motivos dos problemas dos brasileiros. Seriam eles relacionados à sua formação racial/étnica ou seriam a pobreza e as doenças que afligiam a população as responsáveis pelo Brasil ser considerado um país descompasso no concerto da civilização?

Para os médicos sanitaristas, especialmente os que tiveram sua formação nos quadros do Instituto Manguinhos, o problema do brasileiro estaria ligado, sobretudo, às doenças e ao abandono das populações por parte do Estado, incapaz de levar melhores condições de vida e saúde aos diversos cantos da nação. As doenças, especialmente as chamadas tropicais,

inviabilizariam o projeto de nação. A partir da década de 1910, surgiram várias organizações com o intuito de colocar em prática esses projetos de nação, sempre com o apoio da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, da Academia Nacional de Medicina e do Instituto Oswaldo Cruz.

Nesta época já existia o sanitarismo no sentido de levar noções higiênicas ao interior do Brasil, até então desassistido pelas autoridades. No entanto, ele passa a se tornar um projeto de cunho nacional que extrapola o Rio de Janeiro nesse momento. As ações consistiam em levar, a todos os cantos do Brasil, os conhecimentos básicos sobre higiene a partir de projetos e ações ligados à modernização das residências e dos hábitos da população.

O sanitarismo brasileiro acabou suavizando determinados aspectos do componente racial da eugenia (busca pelo ideal da raça pura), porém, o discurso sobre a raça não foi abandonado, permanecendo como um componente presente no discurso.

Assim, as representações da eugenia acabaram se “adaptando” de acordo com a realidade brasileira. Esterilizações, abortos e proibições de casamentos, pontos-chaves da eugenia utilizada por alguns estados americanos e países europeus, não se adequaram ao panorama nacional, pois os hábitos e tradições no Brasil eram profundamente influenciados por instituições como, por exemplo, a Igreja Católica, que condenava tais práticas.

A primeira ação do Estado, referente à prática de políticas de saúde pública, foi a vacinação obrigatória contra a febre amarela e contra a varíola, no Rio de Janeiro, em 1904. Entretanto, tais medidas não agradaram a todos, sendo que alguns médicos, com ideais positivistas, foram contrários à iniciativa, pois entendiam que o homem tinha liberdade sobre o próprio corpo e a vacinação compulsória seria um ato contra tal liberdade. Para esses homens, credos do positivismo, a ciência era essencial para o desenvolvimento da nação, mas não nesse modelo de intervenção.

Uma das saídas encontradas para o desenvolvimento nacional foi o investimento em ações sanitárias, no qual o Estado do Paraná foi um dos pioneiros, com o apoio da Fundação Rockefeller (Hochman, 2006).

Era necessário ter bons frutos para se chegar ao desenvolvimento da nação, além da importância de povoá-la. Para tanto, deveriam emergir novos métodos para o controle da saúde da mulher, bem como ações educativas que as jovens pudessem aprender ainda nas escolas. As mulheres deveriam ser exemplos de cuidados com a sua prole.

Em 1920 o Estado do Paraná foi contemplado por um curso de higiene voltado para os professores. O curso possuía o seguinte programa:

Quadro 1: programa de disciplinas ofertadas no curso de higiene voltado a professores - Paraná

Primeira Parte	
Dr. Vital Brazil	Noções gerais sobre higiene, importância do saneamento do Brasil e ofidismo
Dr. H. Araújo	Microrganismos patogênicos em geral, infecção, as defesas do organismo, pontos de penetração do agente infeccioso, evolução e especificidade das infecções, vacinação e soroterapia
Dr. H. Araújo	Doenças contagiosas em geral, meios de contágio, transmissores animais demoléstias: mosquitos, barbeiros, pulgas, piolhos, etc
Dr. Leal	Ectoparasitos, noções gerais sobre a escabiose, a pediculose, as tinhas, sua profilaxia
Dr. H. Araújo	Verminoses intestinais, noções teórico-práticas sobre a ancilostomose, a ascariíase e sua profilaxia
Dr. Medeiros	Febres eruptivas, noções gerais sobre a escarlatina, o sarampo e o grupovariólico, sua profilaxia e vacinação anti-rábica
Drs. Leonida sFerreira, Medeiros e Leal	Tracoma, raiva e moléstia Heine-Medin, noções gerais e sua profilaxia, vacinação anti-rábica
Dr. Leal	Infecções tíficas e paratíficas, disenterias, noções teórico-práticas e sua profilaxia
Dr. Medeiros	Difteria, tétano e meningite cérebro-espinhal, noções teórico-práticas e sua profilaxia
Dr. Medeiros	Tuberculose, noções teórico-práticas e sua profilaxia
Dr. H. Araújo	Lepra, noções teórico-práticas e sua profilaxia
Dr. Leal	Epizootias transmissíveis ao homem, peste, mormo e carbúnculo, noções teórico-práticas e sua profilaxia
Dr. H. Araújo	Impaludismo, noções teórico-práticas sobre os diversos parasitas, doença de Chagas e leishmaniose e sua profilaxia
Dr. Sebastião Azevedo	Doenças venéreas: sífilis, blenorragia, etc, noções gerais e sua profilaxia
Dr. Medeiros	Intoxicações: morfina e cocaína, álcool e alcoolismo, considerações médicas-sociais, profilaxia

Fonte: Araújo, 1920.

Analisando as aulas ministradas no curso, a começar com o Dr. Vital Brazil, notável higienista da época, pode-se perceber que a preocupação com questões sanitárias é uma constante. Afastar os vícios que eram trazidos para dentro das casas, doenças que degradavam a família, era o ponto chave, bem como as formas de cura. Apresentar os perigos para os professores, poderia ajudar na contenção destes problemas. O jovem aprendendo na escola, evitaria o doente, quando se tornasse adulto e o Brasil teria um saudável trabalhador, responsável pelo progresso da nação. Nessa época, devido ao sanitarismo, uma das estratégias do Estado e dos médicos era utilizar a educação para regenerar a população. Eles entendiam que isso era necessário, pois somente com o conhecimento se chegaria ao progresso.

Esse foi um momento de grandes obras de revitalização urbana que, no caso do Rio de Janeiro, sob o comando do prefeito Pereira Passos, teve sua paisagem central totalmente modificada. Um dos principais movimentos que abarcava, tanto saúde quanto nacionalismo, foi a Liga Pró-Saneamento do Brasil, surgida em 1918.

A Liga Pró-Saneamento possuía três bandeiras de luta: a concepção da saúde como fator do progresso; o desenvolvimento de uma teoria da higiene que se enquadrava à realidade brasileira, explicando que o desenvolvimento das nações se dava por meio da qualidade dos serviços sanitários; e a atribuição de atraso do país ligado à ausência de saúde e educação, recusando os motivos climáticos e raciais (Hochman, 2006).

A doença, portanto, era tida como a principal causa do atraso brasileiro. Extirpando as doenças, levando a higiene e a educação a estas pessoas, o homem seria saudável e, assim, melhor trabalhador e pai de família, construindo a nova nação brasileira.

Para auxiliar os sertões brasileiros e para que a ciência vencesse, foram organizadas expedições científicas para o interior do território brasileiro. Elas consistiram em grandes viagens para o interior do Brasil e tinham por objetivo intervir nos lugares “esquecidos” pelo poder público. As equipes iam sempre preparadas para levar assistência a quem necessitasse.

Figura 1⁴



Fonte: Lima, 1999

Elas começaram ainda sob a supervisão de Oswaldo Cruz, em 1912, e tinham como principal meta analisar a situação em que se encontravam as regiões interioranas do Brasil. Muitas vezes, em conjunto com os estados, eram observados a condição de vida dos habitantes, seus hábitos e, a partir disso eram elaboradas ações de intervenção e higienização correspondentes à cada localidade.

Desde o início do século XX, os chamados “sertões”, áreas do interior brasileiro, eram temas de intensa discussão nos salões das associações médicas. Nessa época, os locais “esquecidos” pelo poder público passam a ser valorizados. Sem o saneamento destas regiões, o país continuaria em situação de atraso, frente às demais nações desenvolvidas.

⁴ Fotografia que retrata a realidade do interior brasileiro. Casas de pau-a-pique e os moradores descalços (Araújo, 1922).

Outro ponto que se destaca nas viagens pelos rincões, são os problemas relativos ao alcoolismo, considerado um fator de degeneração do trabalhador. Dentro dos chamados “venenos raciais” combatidos pela eugenia brasileira, o álcool ocupava papel de destaque. Os relatos sobre o abuso de álcool estão presentes em quase todas as publicações de relatos das expedições, mostrando a importância dada ao mesmo.

A cruzada contra o alcoolismo mobilizou quase todos os sanitaristas do período. Junto com as doenças parasitárias e infecto contagiosas, ele foi considerado um dos grandes males do período. As ações que mais eram utilizadas pelos médicos eram aquelas que estavam ligadas à educação da população e, todas as ações, envolveram mudanças de hábitos e na forma de viver da população do interior.

Muitos habitantes eram contrários às ações sanitárias, pois, os médicos tinham a intenção de transformar quase por completo seus hábitos. Uma forma menos ofensiva encontrada pelos sanitaristas foi a educação por meio de publicações populares, o aprofundamento das informações e o reforço das medidas profiláticas vinham por meio de folhetos e, uma das formas mais fáceis de atingir os jovens nesta época era instruindo os professores das escolas públicas, por meio de cursos que eram disponibilizados.

Em meados da década de 1910 entra em cena, também, o autor Monteiro Lobato. A sua inserção dentro do mundo sanitário se deu a partir da publicação do texto *Urupês*, em 23 de dezembro de 1914, no jornal *O Estado de São Paulo*. Neste conto surge o modelo do sertanejo brasileiro, o Jeca Tatu. O brasileiro é representado como indolente, preguiçoso, degenerado.

Figura 2⁵



Fonte: Sanarmed (s.d.).

⁵ Modelo de panfleto de divulgação dos departamentos médicos e de higiene na Primeira República. *In*: <https://www.sanarmed.com/artigos-cientificos/educacao-e-propaganda-sanitarias-desdobramentos-da-formacao-de-um-sanitarista-brasileiro-na-fundacao-rockefeller>. Acesso em: 16 jul. 2023.

Entretanto, com o advento do sanitarismo nessa época, o Jeca passa de degenerado para um ser doente, que necessita de assistência e, a partir disso, torna-se um ser produtivo para a nação. Na companhia do farmacêutico Candido Fontoura, Lobato construiu a imagem do Jeca Tatu como o garoto propaganda do Biotônico Fontoura (tônico regenerador e fortificante), que logo acabou tornando-se o garoto-propaganda do movimento sanitarista (De Luca, 1998).

Para os médicos e governantes brasileiros, todas essas atitudes resolveriam o problema do país, mas não foi isto que acabou acontecendo. Parte da população ficou mais instruída sim, entretanto, o tamanho continental do Brasil, dificultou que todos tivessem acesso à estas informações. Até mesmo a dificuldade dos cientistas brasileiros de se expressarem para a população mais humilde foi um impedimento.

4 Considerações finais

Como vimos, a chamada “era do saneamento” no Brasil, durante a Primeira República, caracterizou-se pela busca constante em melhorar as condições de vida da parcela mais interiorana da população, marcada historicamente pelo abandono e pela miséria. Jeca Tatu e Macunaíma eram os típicos modelos de brasileiros inaptos, responsáveis pelo atraso do país. Eles não tinham nascido desta forma, portanto, com a ajuda da ciência poderiam ser transformados em fortes e saudáveis trabalhadores, assim pensavam os médicos sanitaristas da época.

Essa preocupação não era apenas para melhorar as condições de vida da população, mas sim, mostrar para o mundo o quanto o Brasil era civilizado e poderia ter os mesmos padrões de modernidade do resto do mundo, seguindo o lema da bandeira brasileira, em ordem e progresso.

Moral, higiene e educação, foi a fórmula encontrada pelos médicos do período para propagar as suas ações profiláticas. Ações fora do Brasil foram organizadas por médicos sanitaristas, com a ajuda de outros cientistas pertencentes à outras áreas, onde a ciência já mais tinha chegado. O objetivo principal era educar e moralizar a população, com especial olhar para a higiene e os bons hábitos, explicando e demonstrando como isso poderia ser evitado, inclusive com cursos para a população em geral.

A população residente no interior do Brasil, nesse período, era tida por muitos médicos sanitaristas como degenerados, entregues aos vícios, improdutivos, preguiçosos e doentes. Portanto, a cura da nação, estaria nas mãos desses mesmos médicos, responsáveis por ações higiênicas e educacionais “redentoras”. A tão almejada regeneração se daria por meio do

saneamento, de ações higiênicas, de obras para o tratamento do esgoto e do ensino de bons hábitos morais.

Vários avanços foram conquistados por esses homens de ciência, a higiene ajudou a evitar doenças em vários povoados, bem como a disseminação das vacinas evitou várias mortes. De maneira gradual o conhecimento foi sendo dissipado a partir da Primeira República, mudando a realidade de milhares de pessoas, apesar de vários problemas encontrados durante a missão regeneradora da população. A rejeição por parte da população foi uma constante, entretanto, com o tempo, algumas atitudes conseguiram ir conquistando a população, que acabaram mudando as questões da saúde que chegaram até nossos dias.

Referências

ANDRADE, M. **Macunaíma**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

BENCHIMOL, J. L. **Dos micróbios aos mosquitos: febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, UFRJ, 1999.

BRITTO, N. **Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

DE LUCA, T. R. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Unesp, 1998.

HOCHMAN, G. **A Era do Saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Hucitec. 2006.

LIMA, N. T. **Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional**. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ARAÚJO. H. C. S. **A Prophylaxia Rural no Estado do Pará**. Belém: Typografia da Livraria Gillet, v. 1, 1922.

ARAÚJO. H. C. S. **Prophylaxia Rural no Paraná: esboço de geografia médica**. Curitiba: Livraria Econômica, 1919.

ARAÚJO. H. C. S. Questões de Hygiene. **Archivos Paranaenses de Medicina**, Curitiba: v. 1, n. 3, jul. 1920.

ARAÚJO. H. C. S. Saneamento da Ilha do Mel. **Archivos Paranaenses de Medicina**, Curitiba, v. 1, n. 4, ago. 1920.

ARAÚJO, H. C. S. Noticiário. **Archivos Paranaenses de Medicina**, Curitiba, v. 1, n. 5, set. 1920.

STANCIK, M. A. Os jecas do literato e do cientista: movimento eugênico, higienismo e racismo na primeira república. **Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas**, [S. l.], v. 13, n. 1, 2009. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/sociais/article/view/2771>. Acesso em: 22 ago. 2024.